

IMERSÃO E EMOÇÕES NO CAMPO ANTROPOLÓGICO: ALGUMAS REFLEXÕES

IMMERSION AND EMOTIONS IN THE ANTRHPOLOGICAL FIELD: SOME
REFLECTIONS

Emanuelle Camolesi

Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0009-0006-7230-6246>

emanuelle_csi@hotmail.com

REVZAB
● ● ● ● ●

RESUMO

Por meio deste texto, busco apresentar alguns questionamentos e inquietações quanto a pesquisa de campo mais imersivo na Antropologia. Partindo de um diálogo possível entre os autores Foote-Whyte (2005), Kulick (2008), Jackson (2025) e Rojo (2015 e 2010), enfoco nas emoções que estes expressam ter sentido em seus campos de pesquisa ao decidirem estar em contato contínuo e prolongado com seus interlocutores, comparando esta forma de trabalho de campo, com o estudo que desenvolvi anteriormente, em outra área das ciências humanas. Procuro demonstrar como as interpretações quanto a imersão no mundo cosmológico do “outro”, exposto por estes autores e suas noções de alteridade, me colocaram em estado reflexivo quanto minha própria pesquisa e minha disposição em expor meu corpo e meus sentimentos, para fazer ciência. Influenciada a pensar quanto às minhas próprias limitações pessoais como pesquisadora, tais concepções me auxiliaram a decidir entre um campo mais ou menos imersivo.

Palavras-chaves: Observação participante; Imersão; Emoções; Alteridade; Trabalho de campo.

ABSTRACT

Through this work, I seek to present some questions and concerns regarding more immersive field research in Anthropology. Starting from a possible dialogue between the authors Foote-Whyte (2005), Kulick (2008), Jackson (2025) and Rojo (2015 and 2010), I focus on the emotions that they express having felt in their research fields when deciding to be in continuous and prolonged contact with their interlocutors, comparing this form of fieldwork with the study I developed previously, in another area of the human sciences. I seek to demonstrate how the interpretations regarding immersion in the cosmological world of the “other”, exposed by these authors and their notions of alterity, put me in a reflective state regarding my own research and my willingness to expose my body and my feelings, in order to do science. Influenced to think about my own personal limitations as a researcher, such conceptions helped me to decide between a more or less immersive field.

Keywords: Participant observation; Immersion; Emotions; Otherness; Fieldwork.

Introdução

Ao iniciar uma pesquisa, aquele que o faz, tem em suas mãos uma longa lista de escolhas e decisões que deve tomar para conduzi-la da forma que acreditar ser mais benéfico aos seus objetivos e questões teóricas. Estas decisões contidas no processo investigativo, estão permeadas de emoções, que segundo Rojo (2015: 768), têm sido deixadas de lado e por isso, os aspectos subjetivos das pesquisas têm permanecido praticamente invisíveis. Uma destas escolhas, na Antropologia, é a de quanto o pesquisador está disposto a imergir no mundo cosmológico daqueles que se pretende pesquisar.

Esta busca pela visão de mundo do “outro”, da qual a Antropologia se dedica, significa reconhecer a pluralidade e diversidade das pessoas e dos grupos sociais. Esta alteridade,

inerente a abordagem antropológica desde Malinowski (1978), pode ser alcançada exatamente por pela distinção e pelo choque entre diferentes culturas, experiências, linguagens e modos de viver (Rojo, 2015; Jackson, 2025), que são vivenciados pelo pesquisador em campo.

Foote-Whyte (2005) reflete que ao escolher um campo mais imersivo, ou seja, com um contato efetivo com os observados por determinado período longo de tempo, a vida pessoal do pesquisador se entrelaça aos seus estudos e aos seus interlocutores. Isto significa dizer, para ele, que expor como uma pesquisa foi realizada implica também em “um relato bastante pessoal do modo como o pesquisador viveu durante o tempo de realização do estudo.” (Foote-Whyte, 2005: 283). Nesta questão, Jackson (2025), Kulick (2008), Foote-Whyte (2005) e Rojo (2010; 2015) incorporam em seus textos etnográficos, relatos pessoais de seus campos de pesquisa, revelando suas inseguranças, receios e incômodos, e assim, demonstram como as emoções atravessam a pesquisa de campo.

Neste artigo, busco estabelecer um diálogo entre os autores mencionados, explorando suas perspectivas sobre o trabalho de campo antropológico mais imersivo. O foco recai na forma como suas escolhas metodológicas, que ao privilegiarem o ponto de vista dos observados podem ampliar perspectivas e gerar novos *insights* para a construção de conhecimentos, pautados na alteridade. Em um breve contraste com uma pesquisa anterior que realizei em 2022 sobre o habitar em vilas operárias de usinas de açúcar em Campos dos Goytacazes, – envolvendo 7 vilas e centrada na narrativa e na memória (Camolesi, 2022) – apresento os questionamentos e inquietações que a leitura desses autores e suas reflexões sobre emoções no campo, suscitaram em mim, uma estudante de Antropologia, egressa do bacharel em História.

84

Imersão em campo: uma escolha entrelaçada às limitações pessoais do(a) pesquisador(a)

Antes da década de 1920, nas origens da disciplina, um certo distanciamento existia entre os grupos pesquisados e o antropólogo; uma distância tanto física, quanto emocional. Na anterior “antropologia de gabinete”, os primeiros pensadores se debruçavam em dados etnográficos coletados superficialmente por amadores no exterior do grupo pesquisado ou membros da própria comunidade, para documentar suas percepções dos estágios de desenvolvimento da cultura e suas explicações para tais fenômenos (Stocking, 1985: 71-73). Isto mantinha um afastamento que foi transformando-se (com a preparação técnica e científica) e diminuindo pouco a pouco (com a presença dos etnógrafos em contato com os grupos estudados), até a publicação de “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, em 1922.

Malinowski (1978), ancorado nas propostas de Rivers (1912) e outros pensadores da época, com sua sistematização do trabalho de campo e sua tentativa de científicá-lo aos modos da disciplina, redimensionou o objetivo da Antropologia em compreender a evolução cultural humana, para então, buscar o “*native’s point of view*” (Peirano, 1994: 205), examinando a cultura na totalidade de seus aspectos e com riqueza de detalhes. Do modelo de Malinowski (1978) e suas propostas, destaco que este ponto de vista só poderia ser apreendido com a convivência contínua e prolongada com os grupos sociais que se pesquisa, em um envolvimento próximo e intenso, criando diálogos e relações de confiança, aprendendo a linguagem e os significados de alguns conceitos-chave dos nativos, com uma

observação e participação científica e técnica.

Estabelecendo este método, a “observação participante”, Malinowski (1978) legitimou um novo modelo pelo qual os antropólogos conduziriam dali em diante suas pesquisas **em** campo. Isto significa que, a distância considerável que antes existia entre pesquisador e pesquisado, reduziu drasticamente. De seus gabinetes ou varandas, os pesquisadores deslocam-se a partir de então, para os mais diversos lugares do globo, lançando-se ao desconhecido, não mais interpretando dados como algo a ser coletado, mas sim como construções dos significados da vida do “outro”, que se desenvolvem a partir do encontro com a fonte, em um contexto único e em um constante negociar de informações em campo.

Em minha graduação em História, tive uma caminhada de “braços dados” com a Antropologia através de disciplinas optativas do curso de Ciências Sociais que escolhi cursar, contato com muitos amigos deste mesmo curso, participando de um núcleo de pesquisas com foco na ruralidade e vida multi-espécie e uma pesquisa que desenvolvi neste mesmo núcleo. Nesta caminhada, tive algumas perspectivas do que envolvia o “fazer trabalho de campo antropológico”, entretanto, em retrospectiva, não fui capaz de apreender a dimensão e os entrelaçamentos possíveis, que se dão neste profissional ao entrar e estar em campo.

Como recém ingressante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, com um relativo aprofundamento nas discussões e de teorias, percebi que não há consenso quanto a muitos assuntos na Antropologia. Minha posição como recém-egressa e meu pouco contato com os conceitos fundamentais da disciplina antropológica, me fizeram refletir quanto ao meu processo de formação nesta nova área das ciências humanas, da qual não há método ideal, não há campo ideal e não há questão que não possa ser trabalhada. Uma constatação recorrentemente apresentada por diversos autores, é a centralidade da pesquisa de campo como elemento constitutivo do trabalho antropológico. Como afirma Peirano (1994), a etnografia é mais do que uma técnica de coleta de dados, trata-se de um modo de conhecimento que exige engajamento prolongado e reflexivo com o campo, que atualmente, se ampliou para incluir também a construção de dados em arquivos e outras fontes documentais, como demonstram Giumbelli (1997), Carvalho e Silva (2018), Reinheimer (2002), entre outros.

Importante ressaltar, que o trabalho de campo não é um procedimento exclusivo da Antropologia. Contudo, nesta disciplina, ele assume uma proporção maior e mais profunda, com uma centralidade epistemológica, compreendido como um modo de produção de conhecimento, que transforma tanto o pesquisador, quanto os dados por ele produzidos (Peirano, 1994).

A título de comparação, para o meu trabalho de conclusão de curso em História, minha vontade de trabalhar com a memória (Pollack, 1992; Nora, 1993), com o auxílio da História Oral (Ferreira, 2000; Costa, 2014; Oliveira, 2020; Dunaway, 2018) e inspirada no antropólogo Tim Ingold (2015), concentrei-me em dar foco nas narrativas e nos movimentos de meus interlocutores. Para tal, fiz roteiros de entrevistas semi-estruturados e entrevistei, em 7 locais diferentes, interlocutores dos quais não conhecia e que depois das entrevistas pontuais que me cederam, não mantive contato¹ (Camolesi, 2022).

A abordagem que utilizei naquela ocasião, aproxima-se do que Florence Weber (2005) classificaria como “entrevistas qualitativas”, e não exatamente uma prática etnográfica, que exige rigor metodológico e teórico do qual ainda não havia incorporado. Para Weber (2005), a etnografia requer relações sustentadas entre os interlocutores, inserção no cotidiano e análise

das práticas em sua densidade relacional – o que difere metodologicamente de entrevistas pontuais e encontros previamente marcados. Essa distinção foi indicada também por Malinowski, ao denunciar o “método de pergunta e resposta”, como prática incapaz de captar os significados vividos no interior das culturas (Goldman, 2005: 149 *apud* Rojo, 2010: 6).

Compreender estas distinções foi fundamental para aprofundar meu entendimento sobre os fundamentos do trabalho de campo na Antropologia. Representou um passo em direção às reflexões aqui expostas, quanto as escolhas e limites que envolvem a imersão etnográfica possível e desejada. Foi relativamente confuso tentar desconstruir a relação de aparentemente equivalência, e por vezes simplificadas, entre o “trabalho de campo antropológico” e o método da “observação participante”. Como aponta Rojo (2010), tais associações simplificadas podem obscurecer a diversidade de estratégias metodológica empregadas na Antropologia e a complexidade envolvida na presença do pesquisador no campo.

Embora o método da observação participante tenha sido consagrado como técnica central desde Malinowski (1978), ela não é mais sinônimo de etnografia. Como demonstram diversos autores, a etnografia pode combinar múltiplas técnicas articuladas a partir do engajamento prolongado e situado com o universo social pesquisado. Contudo, nem sempre será possível lançar mão de tal método em sua forma mais intensa, seja por razões éticas, contextuais ou pessoais do pesquisador. Dito isso, essa metodologia permanece, apesar das transformações modernas, como uma chave metodológica da alteridade antropológica nas etnografias contemporâneas.

Para Foote-Whyte (2005), o pesquisador desenvolve e aperfeiçoa suas ideias durante a pesquisa, não apenas com acumulação de teorias, mas com uma “imersão nos dados e do processo total de viver” (Foote-Whyte, 2005: 284). Para o estudo que desenvolvia sobre áreas urbanas degradadas socialmente pela alta densidade demográfica, o autor percebeu que para atingir seus objetivos, precisaria de uma abordagem que incluísse conhecer as pessoas, seus problemas, suas visões de mundo e suas vivências. Para tal, constatou que deveria dedicar tempo e encaixar-se nas atividades de seus interlocutores, já que aprendeu que “a vida no lugar não se desenrolava segundo encontros formalmente agendados” (*ibidem*: 295).

O autor apresenta um questionamento quanto a necessidade de imersão na vida social do “outro” para sua pesquisa e me fez entender que se propor a fazer um campo mais imersivo, prolongado e contínuo, é uma escolha do pesquisador. Isto porque serão suas questões teóricas e pessoais que o levarão àquele campo, que também faz parte das diversas decisões do pesquisador ao realizar um estudo. Foote-Whyte (2005) acreditava, inicialmente, que conseguiria ir e vir das acomodações que possuía na universidade de Harvard e fazer campo em Cornerville ao mesmo tempo. Assim, havia a possibilidade, se tal realmente decidisse, de permanecer fora do cotidiano de seus pesquisados, porém, mesmo sentindo-se desconfortável, convenceu-se que uma imersão mais profunda, morando no bairro escolhido e construindo relações interpessoais, beneficiaria sua construção de dados e suas análises (Foote-Whyte, 2005).

Don Kulick (2008) também incorpora em sua etnografia, esta escolha de contato estreito e ininterrupto com o mundo de suas interlocutoras, procurando pela forma como as travestis de um bairro de Salvador interpretam sua própria existência. O autor discorre em sua Introdução da etnografia “Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil” (2008), quanto a existência de dois estudos etnográficos anteriores ao seu, com foco nas

travestis brasileiras (Silva, 1993; Oliveira, 1994), nos quais Kulick reconhece seu pioneirismo e sensibilidade, mas ao mesmo tempo, questiona os dados que foram construídos através de contatos pontuais, nas ruas, com as observadas.

Na interpretação de Kulick (2008), a falta de convívio e participação rotineira, fez com que ambos os pesquisadores anteriores, presenciassem apenas algumas faces da vivência, relatos escandalosos de suas vidas nas ruas, que moldaram a visão desses autores quanto ao seu objeto, resultando em análises que poderiam fortalecer a discriminação que estas sofrem (Kulick, 2008: 23-25). O autor não utiliza a metodologia da observação participante para sua imersão, pois dentro das limitações do próprio pesquisador, não havia intenção de viver como travesti. Ele chega mais próximo da metodologia de um olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002), que o permite ter contato mais íntimo e intensivo, não apenas com os discursos de suas interlocutoras, mas também observando de perto suas ações e comportamentos. Nas palavras do autor:

A resolução do enigma etnográfico, como eu o vejo, implica estar presente em interações situadas dentro de um contexto e tentar explicitar a lógica não manifesta que dá sustentação a essas mesmas interações - lógica que permite às pessoas agirem de determinados modos tidos como naturais, e possibilita que as pessoas digam coisas a outras pessoas, com a expectativa de serem compreendidas (Kulick, 2008: 35).

Ambos os autores acreditam que um contato direto e prolongado com seus objetos de estudo, enriquecem a construção e análise de dados etnográficos, e ao mesmo tempo, demonstram que esta decisão é permeada de emoções e subjetividades. Foote-Whyte discorre quanto ao seu desconforto inicial em morar junto de seus interlocutores, sua frustração com a dificuldade na linguagem desconhecida e seu desgaste emocional em ser um estranho e “de fora” (Foote-Whyte, 2005). Kulick mostra-se preocupado com sua integridade física e material ao fazer campo altas horas da madrugada, em um bairro classificado como violento; discorre seus incômodos rotineiros em campo e como se sentia obrigado a estar constantemente na presença de suas interlocutoras, pelo simples fato de as estar estudando (Kulick, 2008).

Muito foi discutido em sala entre os colegas e docentes, quanto ao mito criado por Malinowski do “verdadeiro trabalho de campo”, que Kulick e Foote-Whyte também se inspiram. Em comparação, não foi cogitado por mim esse contato com um grupo social específico em minha pesquisa anterior, pois minhas questões perpassavam por vontades pessoais quantitativas de entrevistas na maior quantidade de lugares possíveis². Um campo prolongado e mais imersivo em um ou dois desses lugares seria possível, se estivesse disposta, e percebo hoje que foram minhas questões, limitações, possibilidades contextuais e vontades singulares com a pesquisa, que me direcionaram a uma abordagem menos imersiva, mais quantitativa e com foco no discurso dos interlocutores.

Tais contrastes entre abordagens mais ou menos imersivas, suscitaram em reflexões e problematizações quanto o tipo de dado que cada metodologia permite construir. Indagações que orientam meu interesse aqui em aprofundar nas possibilidades de imersões etnográficas, como: até que ponto a escolha de não se inserir no cotidiano dos entrevistados, limita a compreensão das existências dos grupos que pesquisamos? Que tipo de acesso às suas narrativas a distância favorece? Que tipo de outros aspectos da vida a aproximação favorece?

A interpretação que os dados que compõem as análises antropológicas, não estão dispostos na superficialidade do campo para serem simplesmente coletados, mas devem ser

construídos pouco a pouco com este contato, em uma negociação com os interlocutores quanto suas experiências e discursos, me parece que fixa a concepção de que é este contato entre mundos (do pesquisador e do pesquisado), confrontado com as teorias, que possibilita as análises. Isto porque é ao se permitir ser afetado (Favret-Saada, 2005) pelas situações em campo e pela vida do “outro”, que o pesquisador constrói relações e estas abrangem possibilidades de epifanias para suas questões teóricas (que orientam o observador em campo). Estas próprias emoções e acontecimentos podem ser interpretadas como dados a serem analisados.

Cogito então, que esse convívio envolve uma dimensão emocional e física do pesquisador, que deve ser levada em conta já que envolve também limitações pessoais e suas predisposições. Este aspecto emocional está muito presente e se entrelaça nesta proposta de alteridade, da qual o próprio Malinowski também foi afetado: a publicação, em 1967, de seus diários de campo, expôs um pesquisador “assolado por sofrimentos psíquicos, físicos, fortes emoções e desejos” (Peirano, 1994: 5).

Corpo físico e emoções em campos mais imersivos

O autor Jackson (2025) me auxiliou a compreender essa dimensão emotiva em seu trabalho de campo entre os Kuranko, grupo localizado no nordeste da Serra Leoa. O pesquisador se viu emocionalmente afetado por seu campo de estudo já nas primeiras semanas. Ele expõe seu medo de interrogar estranhos em uma linguagem da qual sabia pouco; sua ansiedade de não concluir (em um prazo de um ano) a construção de dados para sua dissertação de doutorado e sua paranoia de estar em um lugar desconhecido - e distante dos serviços médicos - com sua esposa grávida. Devido a essas fortes emoções em campo, o autor expressa que se sentia como uma criança dentre os Kuranko, vivendo um choque de muitas experiências novas que o angustiava, mexiam com sua autoconfiança e desorientavam o seu mundo (Jackson, 2025).

Tão perturbado, que o autor teve um sonho em campo, do qual acreditava ser manifestação de presságios futuros. Este sonho (que na verdade revelava suas ansiedades do presente) o impeliu a consultar-se com um dos intérpretes de sonhos Kuranko e tal experiência, expandiu seus horizontes interpretativos quanto a importância dos sonhos e presságios na vida e no mundo de seus interlocutores (Jackson, 2025). Para o autor, nesses momentos difíceis, de insegurança e reordenamento de ideias, há também conhecimento e *insights* que nos levam a novas perspectivas. Jackson escreve:

Durante as primeiras semanas na aldeia, fiquei tão cativado pelas coisas que ouvia e via ao meu redor que era muito fácil acreditar que as entendia intuitivamente. Mas a compreensão nunca nasce do encantamento, assim como a iniciação não se consoma apenas na novidade. A compreensão vem da separação e da dor. Compreender é sofrer o eclipse de tudo que você conhece, de tudo que você tem e de tudo que você é. É, como dizem os Kuranko, como o traje que você veste quando é iniciado. Para vestir-se dele, você deve primeiro ser despojado de seu traje antigo, despido e reduzido ao nada. (Jackson, 2025: 236).

Ao longo das discussões e leituras para o mestrado, identifiquei que se colocar nesta posição de imersão em campo, quando há possibilidade de permanecer por um tempo, com uma convivência continuada com o cotidiano das relações sociais de um grupo e certos acontecimentos vivenciados pelos interlocutores, há chances de novas reflexões e indagações

a serem levantadas, ou a ampliação do olhar do pesquisador para questões antes não consideradas, como demonstrado por Jackson (2025).

Se colocar nesta posição não garante o acesso aos significados, pensamentos e emoções dos observados. No entanto, este choque de distintos pontos de vista (do grupo pesquisado, do pesquisador e das teorias) pode estabelecer uma janela de alteridade, da qual Rojo (2015) considera “uma das características diferenciadoras e constitutivas do olhar antropológico” (Rojo, 2015: 768).

Rojo (2015) posiciona-se contra uma tendência atual, identificada por ele como “autoetnografias”, que misturam e confundem os olhares de observado e observador, já que o próprio pesquisador desta tendência poderia ser considerado interlocutor de sua própria pesquisa. Em sua interpretação, o impacto emocional do “eu” (pesquisador) e do “outro” (pesquisado) oportuniza um certo deslocamento de interpretação e reflexividade que um indivíduo do próprio grupo, que vive aquela dinâmica rotineiramente, possivelmente não notaria (Rojo, 2015). Isto pois, o observado está simplesmente existindo em seu mundo normalmente; é o pesquisador, que ao colocar-se neste mundo diferente do seu, torna-se como um inquietador, questionando ações, falas, ocorrências e sensações que este mundo o proporciona.

Compreendo ser possível traçar um diálogo entre os autores pois, para eles, é através do convívio e construções de relações, na comparação e distinções entre as representações e significados de outros grupos sociais com as suas, nos desconfortos e preocupações (teóricas e pessoais) que se entrelaçam em campo, que os dados seriam construídos com alteridade.

89

Rojo (2015) expandiu minha perspectiva ao demonstrar como as emoções do pesquisador estão intrínsecas às decisões tomadas na conduta do estudo. Em seu artigo, “Caminhando através de trilhas fechadas: reflexão sobre objetos nunca ou quase nunca estudados na antropologia brasileira” (2015), ele apresenta quatro pesquisas que desenvolveu em sua trajetória e que me incentivaram a refletir quanto à decisão de imersão em campo. A primeira reflexão importante para minhas inquietações, foi a demonstração de como nossas decisões acadêmicas são atravessadas pelo gosto pessoal, pelo interesse teórico em questões que surgem no interior do pesquisador e pelas suas oportunidades contextuais.

O interesse subjetivo deste autor pela temática de “gênero, corporalidade e emoções” e também as possibilidades dispostas no contexto em que estava inserido, o levou a dois campos de pesquisa que me intrigaram demasiadamente³: uma comunidade naturista no Rio Grande do Sul e um clube náutico de velejadores em Niterói. Em ambos, o autor se inseriu fisicamente e emocionalmente de forma intensa e prolongada; no primeiro, fez trabalho de campo nu por um ano e, no segundo, permaneceu por 3 anos velejando com seus observados (Rojo, 2015).

O autor explica que suas escolhas de campos foram possibilitadas pelos momentos que se encontrava, como por exemplo, trabalhar a prática desportiva da vela foi possível pela aproximação do local que a prática era realizada, com o lugar que se encontrava trabalhando no momento da pesquisa⁴. A meu ver, isto reforça que este contato mais direto, e o que isto envolve, deve ser considerado antes da inserção no campo. Como o próprio autor enfatiza “segundo o que discutem Abu-Lughod e Lutz (1990), torna-se impossível separar as dimensões da corporalidade e da emoção e estas atravessam as escolhas dos nossos campos a partir da necessidade de refletirmos sobre as nossas próprias limitações pessoais” (Rojo, 2015: 770).

Também em ambos os campos, o autor participou ativamente dos mundos pesquisados e talvez por sua temática, deixa evidente a dimensão física e emocional que estes campos mais imersivos demandaram de si. No primeiro caso, a necessidade de estar completamente nu, dentre pessoas que desconhecia, com valores e sentidos diferentes daquele de quem vive trajado de vestimenta, me incita a imaginar o quão complexo esta adaptação deve ter sido, mesmo que humildemente tenha considerado que o fez em relativo pouco tempo o controle de seu corpo - principalmente, neste caso, a ereção em meio a nudez coletiva e o próprio ato de observá-la (Rojo, 2015).

Posso apenas especular quanto a esta adaptação. Quão completamente nu - literalmente e simbolicamente - despido de seus valores, morais e concepções teve de estar disposto este pesquisador? É desta intensidade que fiquei reflexiva quanto ao trabalho de campo na Antropologia. Este foi um campo contemporâneo e atual, porém bem próximo das propostas de Malinowski – o próprio autor contempla que parte de seu interesse na comunidade naturista, dialogava com a imagem romântica apresentada a ele como sendo o “verdadeiro” trabalho de campo (Rojo, 2015: 770). Ao considerar estar disposto a desarmar-se quase completamente da “segurança” do que lhe é conhecido, ficar por um determinado tempo exposto aos conhecimentos, sentimentos, valores e crenças de quem nunca se viu antes... Me parece profunda tal decisão e um grande autoconhecimento. Penso que o relato deste campo específico do autor, tenha me feito refletir intensamente pelo impacto da nudez completa e literal que a pesquisa incorporou.

Importante destacar que o gênero influencia nas interações em campo, nas possibilidades de inserções, nos riscos e limites assumidos e impostos pelo corpo do pesquisador. O gênero influencia, por exemplo, a sociabilidade em espaços esportivos, pois as interações e discursos emocionais são formas de construir identidades de gênero e pertencimento (Rojo, 2009). No hipismo, atributos como coragem e sensibilidade são usados para reforçar distinções de gênero, performados de maneiras variadas, ainda que, formalmente, ambos compartilhem o mesmo espaço competitivo (Rojo, 2011). Nestas experiências aqui analisadas, realizadas por pesquisadores homens, suas imersões foram atravessadas por marcadores de gênero, afetando, de diversas maneiras, como os participantes interagem com a pesquisa, como o pesquisador vivencia o campo e constrói seus dados.

Refleti muito quanto a minha própria disposição de fazer um trabalho de campo mais imersivo, algo que comparativamente, não fiz até então. Qual seria a metodologia em campo, que me permitiria alcançar relativos retornos às minhas questões teóricas? Quais seriam as condições deste campo? O quanto das minhas próprias características me permitirão ou me impedirão de realizar este campo? Quanto consigo me permitir ser afetada pelas sensações, pelos acontecimentos, pelo espaço físico que desconheço, pela visão de mundo do “outro”?

Tentando decodificar meus próprios sentimentos e emoções complexas, o segundo campo de Rojo (2015) que chamou minha atenção, entre os velejadores em Niterói, o autor utiliza de seu próprio corpo como instrumento de obtenção de conhecimentos. Ancorado na crítica de Favret-Saada (2005) sobre a pouca valorização do “participar” do método da observação participante, o autor busca dar ênfase nesta última; para além de “ver e ouvir”, Rojo “vive e sente” na própria pele, as sensações de seu campo. Participar dentro do barco das atividades e técnicas que seus interlocutores praticam, deixando-se afetar por um conjunto de percepções sensoriais, viabiliza na visão deste autor, a construção de uma

comunicação dialética que não necessariamente é verbal. Rojo deixa claro que aprender as técnicas e habilidades corporais do velejar e colocá-las em ação, não apenas observando-as de longe, o permitiu construir “uma série de questões a serem problematizadas” (Rojo, 2010: 6).

Ao relatar a primeira vez em que o barco virou nas águas da Baía de Guanabara em uma das competições (chamada regata), o autor conta como se sentiu inseguro e assustado ao participar da disputa de forma improvisada, devido a um acontecimento inesperado em campo. A possibilidade do pesquisador ficar traumatizado e não dar continuidade com a pesquisa após a queda, foi algo levantado pelos próprios observados (Rojo, 2010). Isso demonstra o alto grau emocional que momentos como o relatado, podem produzir em campo. Também me fez refletir quanto à integridade física do pesquisador, que assim como Kulick (2008) que se sentia preocupado em andar pelas ruas de madrugada, pressuponho que Rojo (2010) teve de considerar, antes de inserir-se neste campo, se estaria disposto a enfrentar as complicações que poderiam ocorrer tanto pelo esforço físico que desempenharia dentro do barco, quanto a sua integridade física e emocional ao estar em contato direto com o mar – uma força da natureza completamente imprevisível.

A partir do relato de Rojo (2010), mais um nível de imersão física e emocional se apresentou a mim – e, com ele, novas inquietações. Quão “fundo” é possível ir na busca pelo chamado “ponto de vista nativo”? Seria eu capaz de deixar minha posição “na terra” e me “lançar ao ar”? Despir-me, no limite possível de minhas possibilidades, de minhas referências morais e concepções cotidianas, para compreender os modos de vida do “outro”? Estaria disposta a caminhar pelas ruas em horários incertos, lidar com o medo, com a imprevisibilidade dos afetos e relações de campo? Quão propensa estou a deixar-me afetar?

91

Essas perguntas, até então sem respostas definidas, tornaram-se centrais para pensar não apenas o “como” fazer pesquisa antropológica, mas “o que” se está disposto a viver para produzir o conhecimento científico desejado. Foi a partir dessas reflexões que iniciei as delimitações de uma nova proposta de pesquisa para o mestrado em Antropologia⁵, centrado nas emoções e corporalidade envolvidas na prática do voo livre, especificamente no parapente vivido no Parque da Cidade de Niterói/RJ.

Inspirada por estas inquietações, passei a vislumbrar uma imersão ativa no campo, na qual participaria, tanto quanto possível, nas emoções que atravessam as práticas do voo livre e seus significados para seus praticantes, colocando em interação minhas próprias experiências, enquanto pesquisadora e iniciante do esporte, com os saberes e afetos dos interlocutores.

Ao longo deste texto, procurei explorar como diferentes experiências etnográficas – como as de Foote-Whyte, Kulick, Jackson e Rojo – revelam que o trabalho de campo antropológico envolve escolhas metodológicas que são indissociáveis das dimensões emocionais e corporais do pesquisador. Os exemplos discutidos demonstram que a imersão com a observação participante, não é uma técnica neutra, mas sim, um processo que exige disposição para o incômodo, para o risco e transformação. Isto pois, o corpo e as emoções do pesquisador não são apenas meios de acesso ao “outro”, mas podem também se constituir como lugar de produção de conhecimento, pois é assim que, como seus interlocutores, ele sente, experimenta e registra o mundo que quer compreender.

Desta forma, a imersão que pretendo realizar no campo escolhido, não é apenas uma escolha metodológica, relacional e contextual, mas também envolve uma profunda consideração sobre meus próprios limites pessoais, corporais e emotivos. Ao se considerar a

imersão e a observação participante como possibilidade metodológica, é preciso reconhecer que ela está sempre atravessada por fatores como o gênero, a cultura, os afetos, a história pessoal e os limites de quem pesquisa; e é também perceber que a etnografia é construída nesse entrelaçamento de mundos e de sensibilidades. Considero então, que identificar tais limites em cada um de nós, pesquisadores, faz parte de nosso compromisso ético e reflexivo com o campo e com a Antropologia que se deseja contribuir.

Considerações finais

Durante minha graduação em História, tive um contato próximo com a Antropologia, o que me proporcionou uma visão inicial sobre essa área das ciências humanas. Nesse processo de descoberta, em conjunto das disciplinas do mestrado, diversos textos e autores contribuíram significativamente para ampliar minha compreensão sobre o que a Antropologia pode ser e como eu poderia me situar nela. Hoje, entendo que a bagagem que o pesquisador leva consigo ao campo – composta por suas questões, interesses pessoais, metodológicos e teóricos – desempenha um papel crucial na orientação do olhar e na definição das escolhas feitas, seja em contextos de maior ou menor imersão. Essas escolhas, por sua vez, resultam na construção de dados que diferem daqueles obtidos em entrevistas formais previamente agendadas ou realizadas de forma espontânea.

Minhas inquietações borbulham ao comparar o que estes etnógrafos aqui mencionados fizeram em seus campos de pesquisas e o que havia feito em pesquisa anterior. A própria interpretação de que os dados são construídos em relações e em diálogo e não dispostos no campo, esperando para serem coletados, mudou minha perspectiva do que é estar em campo. Esta mudança veio acompanhada de muitas indagações e problematizações que na minha caminhada pela História, não foram levantadas ou discutidas; questões como as expostas aqui e tantas outras. A própria possibilidade de um campo mais imersivo foi algo que sequer cogitei anteriormente e em retrospectiva, acreditava que apenas por estar presencialmente nestes lugares, conversando com as pessoas, já estava realizando um “trabalho de campo antropológico”.

A compressão que é possível realizar um trabalho de campo com diferentes níveis (ou graus) de envolvimento e imersão, e que cada escolha metodológica implicará em modos distintos de construção de dados, passei a questionar: este seria meu limite? Ou seria capaz e estaria disposta a imergir mais profundamente, “voar” em minhas incertezas e colocar-me vulnerável, física e emocionalmente, diante do “outro”?

Ao refletir sobre essas possibilidades, percebi que as emoções e a corporalidade não apenas atravessam o trabalho de campo, mas constituem dimensões centrais nas escolhas metodológicas do pesquisador. Decidir participar, sentir e ser afetado (Favret-Saada, 2005), implica reconhecer que o conhecimento antropológico não se constrói apenas pela observação, mas também pela experiência vivida – que envolve o corpo, a mente, o social (Mauss, 1981), os desejos, os medos e os deslocamentos subjetivos. Reconhecer isso, é assumir que as decisões metodológicas – inclusive o grau de envolvimento – são atravessadas por nossas próprias disposições afetivas e por nossos próprios limites, sejam eles pessoais, físicos, éticos, ou de outra natureza.

A crítica de Kulick (2008) aos outros trabalhos feitos sem o contato direto com suas interlocutoras, me fez questionar o tipo de dado que construí e quantos diversos outros foram

ignorados, em minha pesquisa anterior. Kulick (2008) também me fez refletir quanto de meus traços e trejeitos pessoais me aproximam ou distanciam dos meus objetivos em campo. Ao expor que suas características de homem branco, estrangeiro e gay em seu trabalho com as travestis, muito provavelmente lhe abriu portas que pesquisadores desprovidos destes atributos não alcançariam, problematizei quanto a relação do meu eu com o campo, trazendo à tona questionamentos que perpassam por minhas individualidades e anseios para realização e enfrentamento do campo.

Esta escolha pela imersão faz parte de uma vasta listagem de escolhas que o pesquisador deve tomar ao conduzir sua pesquisa e esta não é uma escolha qualquer, já que envolve uma dimensão de exposição física e emocional do observador, que deve ser analisada antes mesmo do início de qualquer trabalho de campo, pois é dos limites pessoais (e contextuais) que esta decisão se trata. Foote-Whyte (2005) foi importantíssimo para que entendesse realmente o que é a construção de dados em campo, o quanto dedicar tempo e esforço emocional de conhecer seus observados, seus problemas e soluções cotidianas para a vida, pode permitir que se visualize uma estrutura social diretamente ao observar as pessoas em ação (Foote-Whyte, 2005: 289).

Os argumentos de Foote-Whyte (2005), Kulick (2008) e Jackson (2025) me fizeram refletir o quanto estar em um mundo diferente do seu, é uma questão delicada e que mexe com os nossos sentidos. Mesmo que haja familiaridade com o lugar, dado o mundo globalizado, há o estranhamento com os próprios interlocutores que possuem uma visão sempre diversa ao do antropólogo, seja por conta da cultura, culinária, religião, linguagem, entre tantas outras construções sociais que formam os indivíduos e grupos plurais.

93

Estes autores permitiram que problematizasse meu próprio medo e insegurança de imaginar-me em tal situação. Penso ser tão complexo entender as lógicas que levam as pessoas a serem como são, agirem como agem e ouvir o que pensam, muitas vezes machuca nossos próprios valores e concepções de mundo. Ao perceber que o fazer campo na Antropologia incentiva este contato direto (algo que não era demanda na área da História) me causou certo pânico, já que me considero uma pessoa não tão sociável e simpática. Estas minhas características, me fizeram questionar se emocionalmente conseguiria me abrir ao desconhecido, da forma que estes autores propõem.

Com Rojo (2010 e 2015) todo este receio transformou-se em curiosidade. A possibilidade de utilizar o próprio corpo como ferramenta metodológica, me pareceu ainda mais intensa do que permitir-se envolver e afetar pelo mundo do “outro” apenas pela observação. Com as leituras de seus campos diversos, instiguei-me a abraçar minhas inseguranças quanto às minhas subjetividades, para imaginar-me utilizando de meu próprio corpo e emoções para fazer ciência. Jackson (2025) em um possível diálogo com Rojo (2015), motivaram-me a perceber que antes mesmo de inserir-me em qualquer campo, já estava sendo afetada pelo novo arcabouço teórico que me estava sendo apresentado, pois senti-me afetada pelo conflito de visões, ainda dentro de sala de aula.

Por isso, o antropólogo ao se colocar em um campo mais imersivo, tem a possibilidade de problematizar práticas e aspectos naturalizados pelos grupos sociais (Rojo, 2015), mas para isso, ele tem de estar predisposto a expor seu próprio corpo (seja utilizando-o como instrumento de conhecimento como Rojo propõe, ou como os outros autores o fazem, colocando-se na vida do outro, fisicamente presente) às peripécias da vida no local escolhido; despiando-se o máximo que puder de sua própria bagagem de concepções para uma nova

perspectiva de vida, deixando aberta uma porta de contato emocional e sensível às aflições e comoções que o campo e as pessoas carregam em si.

Ao refletir, como sugere Rojo (2015) quanto minhas próprias limitações, percebo que compartilho emoções com alguns destes autores, como a ansiedade de Jackson (2025) quanto ao tempo hábil para a realização da pesquisa. Como mulher, preocupo-me com minha integridade física, como fez Kulick (2008); tenho desconfortos em interrogar estranhos e não ser aceita pelos meus interlocutores, como expressou Foote-Whyte (2005). Porém, entendo que estes sentimentos estão atravessados pela necessidade e interesse em desenvolver um olhar antropológico.

Considerando estes diálogos possíveis entre os autores aqui discutidos e percebendo que a temática e questões que antes pretendia pesquisar, já não mais me instigava da mesma maneira de antes, me sinto inspirada a “voar” em um novo campo. Abandonando minha conhecida metodologia de “pergunta e resposta” e entrevistas agendadas ou ao acaso para, dentro de minhas limitações pessoais, permitir que o campo me afete através de minha observação e efetiva participação. Carregando um novo arcabouço de teorias e questões, decidi então deixar minha posição “na terra” das usinas (Camolesi, 2022), trajar equipamentos, técnicas e saberes que nunca experimentei e utilizar de meu próprio corpo e minhas emoções, para “decolar” em um mundo desconhecido.

Notas

¹ Minha pesquisa teve foco em incorporar memórias e narrativas de antigos trabalhadores rurais e seus familiares que habitavam as falidas usinas de açúcar no município de Campos dos Goytacazes, na segunda metade do século XX. Ao perceber que suas memórias e sua visão quanto ao habitar as vilas desses locais, não apareciam com frequência nos estudos relativos a este tema, interessei-me em descobrir quantas vilas operárias ainda existiam, e se haviam habitantes que ainda mantinham residências em tais, buscando defender suas memórias e narrativas como fontes históricas do tempo presente. As entrevistas foram feitas em dias dos quais dispunha do carro institucional da UFF, devido a distância desses locais do centro da cidade, e majoritariamente feitas ao acaso (Camolesi, 2022).

² Tendo em vista a quantidade de usinas e vilas operárias na região.

³ Em seu texto, Rojo expõe quatro pesquisas que realizou, contudo, trago atenção aos dois que mexeram e desestruturaram minhas concepções.

⁴ Refletindo sobre, percebo que minha escolha de temática para o TCC em História, teve influência destas possibilidades contextuais e de certa maneira, meus interesses pessoais foram encerrados com a entrega do trabalho. A descoberta desta informação, me impactou pessoalmente e fez com que me abrisse a novas curiosidades e questões antropológicas que as leituras em sala possibilitaram.

⁵ Com fomento de Bolsa CAPES.

Referências

Camolesi, Emanuelle de Oliveira. *As memórias esquecidas de quem tem muito a dizer sobre o habitar em vilas operárias de usinas de açúcar de Campos dos Goytacazes (1950-1990)*. Trabalho de conclusão de curso para Bacharel em História, UFF. Campos dos Goytacazes, 2022.

Carvalho e Silva, Márcio Douglas de. Fazendo etnografia no arquivo: possibilidades e desafios. Sergipe: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, nº 48, pp.75-86, 2018.

Costa, Cléria Botelho. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História Oral*, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014.

Dunaway, David King. O Desenvolvimento da história oral nos Estados Unidos: a evolução rumo à interdisciplinaridade. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 523 - 544. Jul./set, 2018.

Ferreira, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111-124, maio/jun., 2000.

95 Foote-Whyte, William. "Anexo A: Sobre a evolução de Sociedade de esquina". In: *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, pp. 283-363.

Fravet-Saada, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, no 13, ano 14, 2005.

Giumbelli, Emerson. O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: *Arquivo Nacional*. 1997.

Ingold, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes (Coleção Antropologia), 2015.

Jackson, Michael. Da ansiedade ao método no trabalho de campo antropológico: uma apreciação das ideias duradouras de George Devereux. *Ambivalências*, São Cristóvão-SE, v. 13, n. 25, p. 227-247, 2025.

Kulick, Don. "Introdução". In: *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008, pp.17-36.

Lutz, Catherine; Abu-Lughod, Lila (ed.) *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.

Magnani, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho de 2002.

Malinowski, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].

Mauss, Marcel. "A expressão obrigatória dos sentimentos". In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, pp. 325-335, 1981.

Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo (10), dez. 1993, p. 7-28.

Oliveira, N. M. de. *Damas de Paus*: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.

Oliveira, Regiane Santos Flauzino. *Vivência em uma vila operária: um estudo sobre o ser, o habitar e o pertencer*. Universidade de São Paulo (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho). São Paulo, 2020.

Peirano, Mariza G. S. A favor da etnografia. Brasília: *Anuário Antropológico*, 17(1), 1994, pp.197-223. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6535/7577>

Pollack, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Reinheimer, Patricia. *A forma é a regra do Jogo*: Educação estética e construção de identidade entre um museu de arte e um grupo de jovens de classe popular. (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

Rivers, W. H. R. "General of method". In: *Notes and queries on anthropology for the use of travelers and residents in uncivilized lands* (4º ed.). Londres: British Association for the Advancement of Science, 1912.

Rojo, Luiz Fernando. Borrando los sexos, creando los géneros: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 6, n. 2. July to December 2009. Brasília, ABA.

Rojo, Luiz Fernando. O campo no mar: fazendo observação participante na vela. Trabalho apresentado na 27ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Belém, entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010.

Rojo, Luiz Fernando. "A produção do gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções". In: Coelho, Maria Cláudia; Rezende, Cláudia Barcellos. *Cultura e sentimentos*: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

Rojo, Luiz Fernando. Caminhando através de trilhas fechadas: reflexão sobre objetos nunca ou quase nunca estudados na Antropologia brasileira. Lisboa: *Análise Social*, 217, L (4), 2015.

Silva, H. R. S. *Travesti, a invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

Stocking Jr., George W. "The ethnographer's magic: fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski". In: *Observers observed: essays on ethnographic fieldwork*. (HOA vol 1). Wisconsin: Wisconsin Press, 1985, pp. 70-120.

Weber, Florence. "A observação participante e as fronteiras da etnografia". In: Poulain, Jean-Pierre (Org). *Observando o social: usos da entrevista, da observação e da análise documental nas ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 141-162.